CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS BASES CULTURAIS PRESENTES NO PROJETO POLÍTICO DE CÉSAR

Prof. Me. Victor de Oliveira Freitas (UFRJ)

RESUMO:

A crítica tem sido unânime em considerar a obra *Commentarii de Bello Gallico* um recurso propagandista com o intuito de favorecer o seu autor, Caio Júlio César. Entretanto, embora se reconheçam as estratégias discursivas que permeiam a narrativa e que convergem para aquele fim, parece igualmente válido refletir acerca dos elementos de natureza cultural, revestidos de nuances históricas, os quais alicerçam o projeto político daquele valoroso general romano. O objetivo, portanto, a que se propõe esse artigo consiste em esmiuçá-los a fim de sinalizar de que modo contribuíram para que o valoroso general romano lograsse êxito em sua empreitada.

Palavras-chave: César; *Commentarii de Bello Gallico*; Roma; bases culturais.

CONSIDERATIONS CONCERNING THE CULTURAL BASES PRESENTS IN The POLITICAL PROJECT OF CAESAR

ABSTRACT:

The criticism has been unanimous in considering the work of *Bello Gallico Commentarii* a propagandist resource with a view to promoting its author, Gaius Julius Caesar. However, although they acknowledge the discursive strategies that permeate the narrative and which converge to that end, it also seems worth reflecting about the nature of cultural elements, coated historical nuances, which underpin the political project that brave Roman general. The goal, therefore, it is proposed that this paper is to scrutinize them to signal how they contributed to the valiant Roman general could succeed success in this endeavor.

KEYWORDS: Caesar; *Commentarii de Bello Gallico*; Rome; cultural foundations.

1. Introdução

Este artigo apresentará alguns aspectos culturais, com eventuais matizes históricos, dos quais se apropriou o estadista Caio Júlio César para construir o seu projeto político, implícito na obra *Commentarii de Bello Gallico*.

Sabe-se que a narrativa composta pelo excelso romano é considerada uma estratégia de autopromoção, com fins de elevar e consagrar a sua figura, a qual tinha como grande rival a de Pompeu. Para lograr êxito em sua empreitada, é importante pensar como o autor investe em uma confluência de valores caros ao povo romano, os quais justificam o acontecimento daquela guerra. Do mesmo modo, não se pode ignorar que foram utilizados também para legitimar suas ações políticas. Nesse sentido, vale a referência ao seguinte provérbio de Virgílio: “*Tu regere imperio populus, Romane, memento (haec tibi erunt artes), pacisque imponere morem, parcere subiectis et debellare superbos.*” (Virg. En. 6, 851 – 853) “Lembra-te, romano, de reger os povos pelo império; (estas são as tuas artes) impor o costume da paz; poupar os vencidos; esmagar os soberbos!”.

As palavras de Virgílio, pela fala do pai de Eneias, representam o lema de Roma e a missão inculcada no íntimo de cada cidadão romano. É em respeito a essa sentença que César investe em campanhas militares as quais culminam com a Guerra da Gália, uma vez que o objetivo era proteger as tribos aliadas de Roma das ações dos Helvécios e dos Germanos. De fato, para viabilizar o projeto político mascarado em sua narrativa, César apela não só para seus grandes feitos e para o uso da 3ª pessoa do discurso como também para a essência daquele que seria posteriormente o lema romano, seja por meio de referências aos traços culturais e hábitos de povos ainda não romanizados, como os Germanos, seja por meio do enaltecimento às ações romanas de tutela aos povos de alguma maneira já romanizados. Assim, referências aos costumes dos antepassados, aos valores e à própria história dos romanos constituem importantes recursos para a consolidação do projeto político cesáreo, como se pode ver na sequência:

[I,43] *Populi Romani hanc esse consuetudinem, ut socios atque amicos non modo sui nihil deperdere, sed gratia, dignitate, honore auctiores uelit esse: quod uero ad amicitiam populi Romani attulissent, id iis eripi quis pati posset?* (CAESAR, 2006: 68) ¹

[I,43] O costume do povo romano era este: desejar que aliados e amigos, de modo algum, nada de seu perdessem, mas sim que fosse mais próspero em reconhecimento, valor e honra. Aquilo, porém, que tivessem trazido para a amizade do povo romano, quem poderia suportar que lhes fosse arrancado?

¹ A numeração apresentada nos excertos corresponde à encontrada na obra em questão.

A passagem acima pauta-se na exaltação de aspectos valorativos da cultura romana, sobretudo no que tange à *fides*. Torna-se perceptível a ação de tutela em relação aos aliados, algo que era extremamente respeitado e glorificado pelos romanos. Com isso, a alusão a um atributo tão caro a seu povo não apenas justifica as batalhas empreendidas assim como erige a figura do vencedor, tornando-a sublime. A seguir, há outra passagem na qual se percebe o respeito a alianças firmadas, seguido do cuidado em demonstrar conhecimento quanto a episódios importantes da história romana e à atuação do Senado.

[I,45] Multa ab Caesare in eam sententiam dicta sunt quare negotio desistere non posset: Neque suam neque populi Romani consuetudinem pati uti optime merentes socios desereret, neque se iudicare Galliam potius esse Ariouisti quam populi Romani. Bello superatos esse Aruernos et Rutenos a Quinto Fabio Maximo, quibus populus Romanus ignouisset neque in provinciam redegisset neque stipendium imposuisset. Quod si antiquissimum quodque tempus spectari oporteret, populi Romani iustissimum esse in Gallia imperium; si iudicium senatus obseruari oporteret, liberam debere esse Galliam, quam bello uictam suis legibus uti uoluisset. (CAESAR, 2006: 74, 75)

[I,45] Muitas coisas foram ditas por César até essa resolução, por isso não poderia desistir da tarefa: nem o seu costume e nem o do povo romano permitiam que abandonasse aliados os quais perfeitamente prestavam serviços. Além disso, ele não julgava que a Gália fosse antes de Ariovisto que do povo romano. Na guerra, os Avernos e os Rutenos haviam sido superados por Quinto Fábio Máximo, os quais o povo romano tinha ignorado, não os tendo reduzido à província e nem lhes tendo imposto tributo. Quanto a isso, se fosse necessário algum período mais antigo ser observado, o poder do povo romano na Gália era justíssimo; se fosse necessária a decisão do senado ser considerada, a Gália deveria ser livre, a qual, vencida na guerra, as suas leis, haveria desejado que ela usasse.

Em relevo, está a hombridade de César no que diz respeito à resolução tomada mediante a uma delicada questão que se interpunha. Novamente, é possível notar a preocupação em obedecer a princípios básicos para um bom romano. A *Fides* é a base, mais uma vez, da ação do general. Igualmente, desempenha um papel relevante o culto aos feitos de outro eminente cidadão. A lembrança a Quinto Fábio Máximo e à deliberação do Senado cumpre o objetivo de mostrar cultura e, dessa forma, trazer caracteres distintivos para o texto produzido.

É interessante salientar ainda o fato de César apresentar-se de forma semelhante a um missionário, a quem caberia a incumbência de cumprir com o processo de romanização do mundo antigo. Nesse sentido, é manifesta a referência a hábitos considerados degradantes pelos romanos e comuns aos inimigos, com o intuito de balizar os empreendimentos realizados e elevá-los a categoria de extremamente necessários. Esse recurso pode ser observado no fragmento latino subsequente, também traduzido por mim:

[VI,21] Germani multum ab hac consuetudine differunt. Nam neque druides habent, qui rebus divinis praesint, neque sacrificiis student. Deorum numero eos solos ducunt, quos cernunt et quorum aperte opibus iuvantur, Solem et Vulcanum et Lunam, reliquos ne fama quidem acceperunt. Vita omnis in venationibus atque in studiis rei militaris consistit: ab parvulis labori ac duritiae student. Qui diutissime impuberes permanserunt, maximam inter suos ferunt laudem: hoc ali staturam, ali vires nervosque confirmari putant. Intra annum vero vicesimum feminae notitiam habuisse in turpissimis habent rebus; cuius rei nulla est occultatio, quod et promiscue in fluminibus perluuntur et pellibus aut parvis renonum tegimentis utuntur magna corporis parte nuda. (CAESAR, 2006: 344, 346)

[VI,21] Os Germanos diferem muito deste costume. De fato, nem possuem druidas que presidam as questões divinas, nem se aplicam a sacrifícios. Falam de um número de deuses únicos, que distinguem e por cujos trabalhos são auxiliados abertamente: Sol, Vulcano e Lua; os restantes, nem sequer pela fama conheceram. Toda a vida consiste em caçadas e em paixões pela arte da guerra: dedicam-se desde pequeninos ao trabalho e à aspereza. Aqueles que permaneceram castos por muito tempo alcançam entre os seus o máximo louvor: acreditam que com isso a estatura aumenta, que as forças aumentam e que os nervos se restabelecem. Consideram atitudes muito horrendas ter tido verdadeiramente, antes dos vinte anos, contato com mulher: para quem o ato de se esconder é nenhum, porque se banham promiscuamente nos rios e se vestem com peles ou pequenos vestidos de renas, estando grande parte do corpo nua.

Esses extratos apontam para a ênfase nas gritantes diferenças culturais entre gauleses e germanos e, conseqüentemente, entre estes e os romanos. A descrição daquilo a que se resume a vida dos germanos e o uso de termos como “*promiscue*” (*promiscuamente*) ratificam a tentativa de construção de um cenário degradante, algo que, em razão disso, justificaria a necessidade de romanizar aquele povo.

Dessa forma, com a apresentação de elementos que justificam suas operações militares e que visam a seu engrandecimento, César procede à conjugação de uma ação prezada pelo povo romano – a de civilizar o mundo antigo – com seus anseios políticos. Para concretizá-los, faz-se necessário demonstrar um grande respeito aos icônicos valores romanos como também uma cultura vasta e um conhecimento histórico profundo acerca daquele povo. Nesse sentido, é válido esmiuçar o pilar cultural que fomenta o projeto daquele estadista romano, a fim de asseverar a imprescindibilidade desse artifício para o sucesso experimentado por seu mentor.

2. Bases culturais

Para a concretização de seu projeto político, escamoteado na obra estudada, César vale-se de referências a valores caríssimos a seu povo. O objetivo parece ser angariar a simpatia popular e lançar-se como inquestionável líder da difusão da cultura romana no mundo antigo.

Nesse sentido, é pertinente analisar alguns daqueles valores e os seus desdobramentos no texto cesariano, de modo a compreender mais precisamente essa estratégia fundamental do projeto político em questão.

O primeiro valor moral a ser destacado é a *fides*, a qual, diferentemente de muitos outros princípios, não possui uma raiz ideológica grega. Na verdade, sua essência romana é de certa maneira um adereço para definir e caracterizar com exatidão esse povo. É com base na *fides*, por exemplo, que se iniciam as escaramuças entre romanos e helvécios nos primeiros momentos da Guerra da Gália. Para defender seus aliados, a quem dera o juramento de proteção e apoio, Roma, representada por César, inicia o conflito. Assim, é o compromisso firmado com o outro, sob uma aliança forte e inabalável, que representa tal valor. A sua extrema importância é ratificada por Cícero em *Dos Deveres*: “O Senado era o porto de abrigo de reis, povos e nações, e os nossos magistrados e generais ansiavam por obter um único título de glória, o de terem defendido as províncias e os aliados com justiça e *fides*.”² Para estudiosos, é a *fides* uma das razões que permite aos romanos reunir de maneira tão impressionante tantos inúmeros povos sob a sua tutela. Sendo, portanto, um elemento tão fundamental à essência romana, reconhecido e cultuado pelos distintos cidadãos, não é de causar estranhamento a ênfase a ele no texto de César. Uma condição indispensável para o exercício do papel de líder e condutor de um Estado da magnitude de Roma era o respeito e a exaltação àquele emblemático valor. Isso o general não apenas faz como também demonstra tê-lo feito ao narrar as suas empresas durante as batalhas nas regiões gaulesas. Suas ações estão vinculadas necessariamente ao juízo que se faz dos romanos, conforme indicam as palavras de Políbio, de que esse é o povo que “respeita o seu dever pela própria fidelidade decorrente do seu juramento”.³ É igualmente natural entender tamanha obediência de César àquele valor, haja vista suas implicações morais, políticas e jurídicas. Quanto ao aspecto moral, cabe ressaltar a fé nos juramentos, a garantia e o compromisso. Sob o prisma político, o comprometimento entre as partes envolvidas, ou seja, a tutela estipulada, sobreleva-se. Finalmente, sob o olhar jurídico, como ilustração, vejam-se as palavras de Cícero, em *Dos Deveres*: “O Senado era o porto de abrigo de reis, povos e nações, e os nossos magistrados e generais ansiavam por obter um único título de glória, o de terem defendido as províncias e os aliados com justiça e com *fides*.”⁴ Na sequência, ao tratar de um possível desleixo pela *fides*, sentencia: “Somos castigados com razão”.⁵

Entretanto, César não desvincula de suas ações e de seu exercício da *fides* outro importante valor romano: a *pietas*.

Base do dever necessário entre um homem e sua família, inicialmente, e, por ampliação, entre um homem e sua pátria, a *pietas* é também um ornamento moral essencialmente romano. Leia-se, para melhor explicitá-la, uma passagem ciceroniana: “Tal como o teu avô aqui presente, tal como eu, que te gerei, Cipião, cultivava a justiça e a *pietas*, que, devendo ser grande para com os parentes e aderentes, maior ainda deve ser para com a pátria”.⁶ É por exercício da *pietas* que Otávio persegue os assassinos de César, algo que destaca a raiz familiar desse valor. Por outro lado, a apropriação feita pelos romanos da lenda de Eneias, o qual tinha como principal atributo ser *pius*, reitera a raiz cívica daquele princípio. A construção, anos mais tarde, de um texto épico cujo alicerce é a *pietas*, celebrada com a ação de Júpiter de conceder aos Romanos, como apanágio, aquela excelsa virtude, eterniza um povo que se tornou referência para a humanidade por causa de sua singular obediência a deveres de um cidadão verdadeiramente comprometido com a coletividade à qual pertence. A lenda de Enéias e a crença na *pietas* como um compromisso com os deuses, com a pátria e com a família possibilitam a convicção dos romanos de que têm uma missão, de que foram escolhidos pelos deuses para empreender o processo de humanização do mundo antigo. O uso desse ideal missionário por César é recorrente em *De Bello Gallico*, sobretudo no modo como se refere a povos afastados da província. Dessa forma, o relevo dado àquele ideal, fundado na *pietas*, configura um produtivo recurso para a execução dos anseios políticos do autor, sobretudo porque se acha cumulada a outras ideias morais agradáveis aos romanos. É válido marcar ainda que o general demonstra verdadeiro dever com a pátria e com a família. O esforço gigantesco dispensado para pacificar a Gália e o restabelecimento dos troféus de Mário, derrubados por Sila, quando se torna, enfim, o primeiro homem de Roma, parecem comprovar isso.

² *Dos Deveres* II.8.26 e 28 (*Res Romanae*, p.45)

³ *Ibidem*.

⁴ *Dos Deveres*: II. 8.26 e 28 (*Res Romanae*, p. 45)

⁵ *Ibidem*.

⁶ *A República*: VI.16 (*Res Romanae*, p.31)

Por fim, sobre o alcance de tão nobre virtude, não se deve esquecer o modo como está eternizada no Canto VI da Eneida por meio da referência ao padecimento no Tártaro daqueles que ofenderam não apenas esse sentimento mas também a elementar *fides*. Além disso, o seu distanciamento em relação à glória pessoal, por se tratar do cumprimento de um dever do indivíduo para com os deuses, a pátria e a família, configura um ideal missionário, o que está sugerido no passo a passo de César dentro da obra analisada.

Conjugada àquele célebre valor está a *gloria*, que tem por objetivo o alcance do reconhecimento dos homens de bem. De certo, esse era um dos fins a que se propôs César ao longo de seu *Cursus Honorum*. A sua vida política parece ter estado pautada pelo anseio de louvor público quanto a suas qualidades de cidadão. Cícero, nas *Filípicas* I. 1229, define a *gloria* como “A fama pelos atos bons e grandes serviços para com a *res publica*, que se comprovam, quer pelo testemunho dos homens notáveis, quer pelo da multidão.”. Esse valor, portanto, parece ser o norteador dos planos cesáreos, tendo em vista a essência política e social que o caracteriza e as implicações positivas de quando é alcançado a serviço da *res publica*, pois está associado à ovação e, principalmente, ao triunfo. Além disso, não está rasamente associado à fama, pois enquanto esta se liga essencialmente à reputação, ao que se diz de uma pessoa ou coisa, a *gloria* consiste em falar correntemente de alguém com louvor.⁷

Para alcançá-la, no entanto, é necessário que se haja estabelecido a *honor*, valor de matiz marcadamente político e também com implicações na esfera social. Por meio da *honor*, um homem buscava o reconhecimento público de suas virtudes. Pode-se dizer que a finalidade era a publicidade da virtuosidade de um indivíduo. Assim, além de *gravitas*, a qual se refere a uma conduta ilibada, era fundamental a proclamação de uma postura tida como exemplar. Atesta-se, com isso, a aproximação entre *honor* e *gloria*. Contudo, não se deve confundi-las. Enquanto a primeira restringe-se ao campo da probidade, da qualidade de um homem honesto, a segunda amplifica-se e diz respeito a um homem grandioso, realizador de grandes feitos, sobretudo aqueles em benefício da *res publica*.

A este ponto, torna-se produtivo destacar a noção de *dignitas*, bastante próxima da de *honor*. Sedimentada basicamente na esfera política, possui envolvimento com o exercício de cargos nobres na república. Para compreender melhor o seu alcance, é preciso ater-se ao esforço empreendido pelo romano para sobrelevar a sua *dignitas*. “Os historiadores modernos nos lembram que para um romano aristocrata era uma obrigação e ponto de honra esforçar-se por manter e intensificar a própria *dignitas*, defendendo-a contra ataques dos que viessem a contestá-la.” (MENDONÇA, 1999: 23)

Dessa forma, nota-se que a *dignitas* tem relações com o prestígio, com a reputação do indivíduo. Um cidadão nobre deve criar para si uma imagem que corresponda a de um verdadeiro romano, o qual seja cumpridor de seus deveres e desejoso de alcançar os mais altos graus em seu *Cursus Honorum*. Nesse sentido, é inevitável associar a essência dessa noção a Júlio César. A trajetória do estadista demonstra uma preocupação pulsante com o fortalecimento e com a dilatação de sua *dignitas*, tendo sido esta, ao que parece, a mola-mestra de seu percurso. Ademais, além de motivação, foi usada como justificativa para a guerra contra Pompeu. É em defesa de sua *dignitas* que o grande general exorta suas tropas à batalha. “Na sua fala à tropa, ele a exorta a defender a honra (*dignitas*) e o prestígio (*existimatio*) de seu comandante sob cuja direção vitoriosa obtivera inúmeros êxitos militares e pacificara a Gália e a Germânia.” (MENDONÇA, 1999: 22)

A excessiva apreciação da *dignitas* pelo general é encontrada em sua outra importante obra, *Commentarii de Bello Civile*. No trecho: “*Sibi semper primam fuisse dignitatem uitaque potioem. (...)*”⁸ – Para si, a *dignitas* sempre fora primordial e mais importante do que a vida. – está documentado o imenso cuidado tido com esse grande valor, marco cultural romano. O orador Cícero vem confirmá-lo em uma de suas epístolas: “E tudo isso ele diz fazer por amor da *dignitas*”.⁹

Ao analisar, portanto, as bases para as ações de César narradas em suas duas mais importantes obras, é possível perceber a distinção dada à *fides* e à *dignitas*, dois excelsos valores e elementos culturais romanos, algo que se perceberá rotineiro quando está em discussão um atributo dileto para esse povo. Em *Commentarii de Bello Gallico*, a primeira é a razão aparente para alegar o ingresso de César na Guerra da Gália; em *Commentarii de Bello Civile*, atribuem-se a *dignitas* a invasão à *Vrbs* e o conseqüente início da Guerra Civil. Destarte, parece pertinente refletir se o uso daqueles dois valores como argumento para esses livros não constituiria uma estratégia marcadamente política adotada pelo estadista. Como resultado, o objetivo seria, a partir de elementos cruciais à composição de um grande cidadão romano, justificar e enaltecer suas ações, angariar simpatizantes e acentuar o respeito alcançado.

⁷ KNOCHÉ, U. *Vom Selbstverständnis der Römer*, páginas 25-27.

⁸ CAESAR, *Commentarii de Bello Civile* (I-9.2), in: Mendonça, Antônio da Silveira. *Bellum Civile – A Guerra Civil*, página 52.

⁹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, página 340.

A este ponto, é necessário pensar também o papel da *auctoritas*, conceito genuinamente romano em virtude da ausência de um equivalente exato em grego. A noção vinculada a tal conceito é de natureza intrínseca e se desdobra por meio do peso da pessoa ou da corporação que toma uma determinada decisão. Com isso, deduz-se que sua implicação é de natureza política e moral, o que a associa a *dignitas* e confere ao seu detentor um prestígio capaz de conduzir hordas inteiras a uma dada direção. Na obra *Dos poderes de Gneu Pompeu*, Cícero demonstra o valor da *auctoritas* ao tratar das ações de Pompeu para conter os avanços de Mitridates e de Tigranes na Ásia: “E já que a *auctoritas* vale muito também na direção da guerra e no comando militar, não é certamente duvidoso para ninguém que este general é quem mais pode na matéria.” Assim, entende-se também que esse valor está agregado a elementos inerentes ao indivíduo, como a destreza e o talento, por exemplo. Do mesmo modo que se pôde associá-lo ao general Pompeu, é naturalmente possível conferi-lo a César. São diversos os recortes cênicos nos quais a figura cesárea distingue-se na avaliação dos inimigos e se lhes interpõe à marcha. Então, o peso e, consequentemente, o respeito existentes pavimentam os caminhos rumo às mais diversas vitórias e às mais nobres conquistas.

Outrossim, ao rememorar a personalidade do vencedor da guerra gaulesa, é requisito primordial a abordagem de um importante conceito: a *virtus*. De natureza complexa, devido à simbiose greco-romana que a constitui, encontra-se ordinariamente associada a *honor*. É válido referir que ambas possuíam um templo dedicado a seu culto desde a Segunda Guerra Púnica e estavam representadas em moedas romanas. Entretanto, Karl Büchner esclarece que enquanto esta é exterior, aquela é interior a quem a possui.¹⁰ Além disso, a consagração a *virtus*, atestada pela sua presença no escudo de ouro do príncipe Augusto e no Arco de Tito, demonstra que o romano a sentia como um valor fundamental ao seu povo.

Comungado com a sua correspondente grega, a *aretê*, aquele distinto elemento para os romanos sofre um processo de evolução em seu significado ao longo do tempo, sob influência da noção helênica. Assim, incorpora acepções relativas ao campo das ações bélicas, ao das qualidades de caráter, ao uso ajustado da palavra e ao uso literal de “virtude”, como a entendemos modernamente. Contudo, a noção de excelência, relativa ao cumprimento do propósito ou da função à qual o indivíduo se destina, parece bastante profícua quando associada a César bem como, naturalmente, a ideia de força, coragem e valentia, no que tange ao enfrentamento de adversidades. Do mesmo modo, parece bastante acurado o tratamento que lhe é dado por Lucílio em um fragmento apontado por Maria Helena da Rocha Pereira.

Virtus, Albino, é atribuir o verdadeiro preço às coisas no meio das quais nos encontramos, com quem vivemos;

virtus é para um homem saber o valor de cada coisa,

virtus é saber o que para o homem é recto, o que é útil, honesto, o que é bom, como o que é mau, o que é inútil, feio, desonesto;

virtus é saber marcar o termo e medida ao ganho,

virtus é ser capaz de fixar o valor das riquezas,

virtus é dar aquilo que por si só é devido à honra, ser adversário e inimigo dos homens de costumes maus, e, ao invés, defensor dos homens de costumes bons, a estes prezá-los, a estes querer-lhes bem, ser seu amigo; e, além disso, pôr em primeiro lugar o bem da pátria, em segundo o dos pais, e, em terceiro e último, o nosso. (PEREIRA, 2002: 398)

De tradição aristocrática, por estabelecer como ordem de prioridades primeiro a *res publica*, depois a família e por último o indivíduo, o dístico final condensa o pensamento vigente entre os cidadãos que almejavam vencer os principais obstáculos até obter notoriedade no cenário político romano. Assim, ao ponderar os feitos de César em batalhas da guerra gaulesa e ao considerar os principais pontos de seu projeto político, depreende-se que a *virtus* é mais um valor romano o qual o general esmera-se fortemente em demonstrar, tal como o faz em relação à *fides*, à *pietas* e à *dignitas*; isso porque os pontos frisados por Lucílio sintetizam a trajetória cesariana, a qual parece ter sido pautada pelo cuidado em preservar-se em um caminho que o imortalizasse na honra e na glória e em afastar-se daquele que o destinasse a uma atuação secundária ou ofuscada dentro do jogo político, econômico e social de Roma, ainda que, para tanto, fosse necessária a execução de táticas as quais viessem a ser questionadas por seus pares.

Outros importantes valores férteis no campo de associações a César os quais requerem avaliação são a *clementia* e a *grauitas*. Quanto a esta, entende-se que corresponde ao comportamento de um homem público investido de *dignitas*. Envolvida em uma áurea que engloba a austeridade, a retidão, o pleno domínio das faculdades de um ser e o exemplo de postura, a *grauitas* culmina por ser o ideal esperado de um político romano, sendo, portanto, na esfera política que possui maior relevância. Identificada como uma virtude nacional por Cícero no discurso em defesa de Séstio, percebe-se estar em oposição à *levitas*

¹⁰ *Altrömische und horazische Virtus*, in: *Römische Wertbegriffe*, apud PEREIRA, 2002, página 381.

dos gregos. Quanto à *clementia*, reconhece-se estar intrínseca a distintos personagens da história romana. Por isso, figura entre as qualidades que sustentava a *auctoritas* augustana e está inevitavelmente ligada a César, em honra de quem se erigiu um templo dedicado à *Clementia Caesaris*. Atributo dotado de cunho estratégico, sobretudo em situações de conflitos armados, pode ser usado para fins de propaganda, devido à possibilidade de angariar a simpatia do povo. Nesse aspecto, valeu-se César de sua *clementia* para tornar-se ditador e para consagrar-se em Roma. Em virtude desse nobre predicado, ao comandante foram conferidas por Salústio a mansidão, a misericórdia e a capacidade de dar e de perdoar. A clemência cesárea foi também eternizada e reconhecida por Cícero em um de seus mais célebres discursos, em defesa de Marcelo.

Tamanha mansidão, *clementia* tão inusitada e inaudita, tamanho comedimento para quem está no cume do poder absoluto, uma sensatez, finalmente, tão incrível e quase divina, não posso passá-la em silêncio (...). E assim, Gaio César, os louvores dos teus feitos bélicos serão certamente celebrados, não só em nossa literatura, mas na literatura e língua de quase todos os povos, e jamais época alguma calará os teus louvores. (*Defesa de Marcelo*, 1.1; 3.9, *apud* PEREIRA, 2002: 359, 360)

Assim, vislumbra-se o importante cerne político que constitui esse ilustre apanágio romano e que serviu como base para a relação junto aos povos dominados. Grandes imperadores utilizaram-se da *clementia* para manter a popularidade e para garantir a governabilidade. Isso pode ser observado ao se analisarem vultos como César, Augusto e Nero e é atestado por Sêneca, em *Da Clemência*, ao sentenciar que a *clementia* acrescenta a honra e a segurança dos imperantes, funciona como ornamento dos impérios e garante a sua salvaguarda, o que a torna, portanto, honrosa para um governante.¹¹

Por fim, no que tange à observância dos valores romanos que perpassam pelo projeto político de César, é primordial abordar o *Mos maiorum*. Sabe-se que este corresponde ao conjunto de costumes e tradições dos antepassados e que serve de fundamento para o modo de vida dos romanos. Ênio indicou que o Estado Romano se apoiava nos costumes e nos varões antigos. Assim sendo, é patente a crença de que a glória de Roma se assentava na observância daqueles costumes e de que a educação de qualquer nobre cidadão deveria estar pautada em um padrão de conduta dirigido pela *virtus*, pela *dignitas*, pela *gloria*, associada à *fides* e à *honor*, e pela *grauitas*. Além disso, um bom cidadão era detentor da *clementia* e da *sapientia*, para que seus julgamentos não fossem guiados excessivamente pela emoção e para que a indulgência regesse a aplicação de castigos.

O *Mos maiorum* representava a conjunção de elementos que favoreciam a existência de uma sociedade equilibrada, direcionada por uma forma de governo mais moderada. Esse *éthos* foi associado ao período áureo republicano de Roma e esteve em contraste com uma aparente decadência de costumes no primeiro século do regime imperial. De qualquer modo, pressupunha-se o costume dos antepassados ser uma ética orientadora dos aristocratas a qual legitimava e disciplinava suas ações bem como orientava as práticas políticas e religiosas no Estado. Paschoud, no contexto do século IV da era cristã, sinaliza que o respeito aos antepassados era o coração da identidade pagã, devido ao hábito herdado de celebrar ritos para garantir a perenidade do Estado.¹² Isso evidencia a sobrevivência desse conceito através dos tempos e ratifica a sua importância para os romanos. A valorização a ele dada está presente nas obras dos mais cultuados autores latinos. Como recurso ilustrativo, segue-se uma análise salustiana em *Da Conjuração de Catilina*, destacada por Maria Helena da Rocha Pereira.

Na paz e na guerra, cultivavam-se os bons costumes; a concórdia era máxima, e mínima a avareza; entre eles, o direito e o bem não valiam mais pela força das leis do que pela natureza: disputas, discórdias, rixas, exercitavam-nas com os inimigos; os cidadãos lutavam uns com os outros em valor; nas ações de graças aos deuses eram magníficos, parcos em casa, leais para com os amigos. Com estas duas qualidades, a audácia na guerra, a justiça, quando a paz sobrevinha, cuidavam de si e do Estado. (PEREIRA, 2002: 348)

Aproximar todos os aspectos ligados ao *Mos maiorum* da ação política de César permite conjecturar a existência de uma estratégia para angariar a simpatia dos romanos, algo que auxiliaria na conquista do maior objetivo daquele poderoso ícone: consolidar-se como grande senhor de toda a Roma. Logo, é natural que haja ao longo da obra estudada referências àqueles costumes, pois a posição social desfrutada pelo autor exige a demonstração de respeito e de ações práticas coerentes com aquilo que os seus concidadãos consideravam adequado a um indivíduo desejoso de ser reconhecido como verdadeiro líder, apto a guiar uma cidade-império da importância de Roma, a qual àquela época, já se assenhorava de todo o mundo.

¹¹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, página 363.

¹² PASCHOUD, F. Les étapes d'une perte d'identité : les défenseurs du paganisme officiel face au naufrage de leur monde (312-410). In : BARZANO, A. ; BEARZOT, C. Et al. Identità e valori fattori di aggregazione e fattori di crisi nell'esperienza politica antica. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2001. p. 236.

Igualmente, estruturar uma obra em que se narram grandes feitos, os quais culminaram com expansões fundamentais para o crescimento e para o prestígio experimentado por Roma no I século antes da era cristã, parece configurar uma produtiva ação propagandista empreendida pelo autor.

3. Análise de excertos

Esta seção do trabalho será dedicada à apresentação de fragmentos da obra *Commentarii de Bello Gallico* a fim de tornar mais palpável o programa político de César, abafado em uma narrativa que, a princípio, constaria apenas de meros relatos de batalha ao Senado Romano. O acréscimo de referentes culturais, com ênfase em pontuais alusões a valores distintivos dos romanos, preenche importante espaço na obra. É imperioso, por conseguinte, analisar essa estratégia para que se proceda ao exame acurado desse pilar político da narrativa elaborada.

3.1. Negativa aos Helvécios

[I,8] Interea ea legione quam secum habebat, militibusque qui ex provincia conuenerant, a lacu Lemanno, qui in flumen Rhodanum influit, ad montem Iuram, qui fines Sequanorum ab Helvetiis diuidit, milia passuum decem nouem murum in altitudinem pedum sedecim fossamque perducit. Eo opere perfecto praesidia disponit, castella communit, quo facilius, si se inuito transire conarentur, prohibere possit. Vbi ea dies quam constituerat cum legatis uenit, et legati ad eum reuerterunt, negat se more et exemplo populi Romani posse iter ulli per prouinciam dare et, si uim facere conentur, prohibitorium ostendit. Helvetii ea spe deiecti nauibus, iunctis ratibusque compluribus factis, alii uadis Rhodani, qua minima altitudo fluminis erat, nonnumquam interdium, saepius noctu, si perrumpere possent conati, operis munitione et militum concursu et telis repulsi hoc conatu destiterunt. (CAESAR, 2006: 12 e 14)

[I,8] Durante esse tempo, com a legião que tinha consigo, e com os soldados oriundos da província que se reuniram, do lago Lemano, que deságua no rio Ródano, até o monte Jura, que separa os limites dos Séquanos dos Helvécios, ergue um muro de dezesseis pés de altitude e dezenove mil passos de comprimento, protegido por um fosso. Realizada a obra, distribui as guarnições, fortifica as praças-fortes, para que mais facilmente, se tentassem atravessar contra a sua vontade, pudesse proibir. Quando chega o dia que fixara com os embaixadores, e os embaixadores a ele retornaram, diz que ele não pode, segundo o costume e o exemplo do povo romano, dar caminho a alguém pela província e, caso tentem fazê-lo contra a sua vontade, anuncia que haveria de repelir. Os Helvécios, privados dessa esperança, uns com navios, juntos às muitas jangadas feitas, outros pelos vaus do Ródano, nos quais a profundidade era a menor, algumas vezes durante o dia, mais frequentemente durante a noite, tentados se poderiam transpor os obstáculos, seja pela fortificação da obra, seja pela intervenção dos soldados, repelidos pelos dardos, desistiram dessa tentativa.

Em relevo, no excerto em questão, está a justificativa para a proibição da passagem dos Helvécios pela província romana, dado que para César isso poderia vir a representar não apenas uma ameaça à segurança da República, como também uma grave ofensa ao *imperium* de Roma em toda aquela região. Para subsidiar a decisão tomada, há a articulação prévia de todo um aparato militar e um apelo a caracteres de matiz histórico-cultural para a sustentação do que foi deliberado. A isso se agrega também a eficiência dos métodos de segurança cumpridos, pois a conclusão da cena narrada enfatiza a desistência helvética frente à habilidade de defesa desenvolvida pelo valoroso general. Assim, fica evidente o apelo para a perícia militar de César e o cuidado em ressaltar que as ações executadas estão em consonância com um projeto maior: o de garantia da soberania romana e de defesa dos interesses da República. Para tanto, não surpreende que seja esmiuçada a magnitude da obra construída e detalhado o cenário onde isso ocorre. Esses recursos, na verdade, apenas reforçam a nossa proposta de demonstrar que a estrutura narrativa de *Commentarii de Bello Gallico* é extremamente planejada e atende a um propósito claro de robustecimento da figura de seu autor. Os próximos recortes cênicos sinalizam uma preocupação com a integridade da República assim como buscam justificar a necessidade de empreender a guerra e de tratar severamente quaisquer inimigos que ousassem atacar de alguma maneira a honra romana.

3.2. Preocupações com a República

[I,10] Caesari renuntiat Helvetiis esse in animo per agrum Sequanorum et Aeduorum iter in Santonum fines facere, qui non longe a Tolosatium finibus absunt, quae ciuitas est in prouincia. Id si fieret, intellegebat magno cum periculo prouinciae futurum, ut homines bellicosos, populi Romani inimicos, locis patentibus maximeque frumentariis finitimos haberet. Ob eas causas ei munitioni quam fecerat T. Labienum legatum praeficit; ipse in Italiam magnis itineribus contendit duasque ibi legiones conscribit et tres, quae circum Aquileiam hiemabant, ex hibernis educit et, qua proximum iter in ulteriorem Galliam per Alpes erat, cum his quinque legionibus ire contendit. Ibi Ceutrones et Graioceli et Caturiges locis superioribus occupatis itinere exercitum prohibere conantur. Compluribus his proeliis pulsus ab Ocelo, quod est oppidum citerioris prouinciae extremum, in fines Vocontiorum ulterioris prouinciae die septimo peruenit; inde in Allobrogum fines, ab Allobrogibus in Segusiauus exercitum ducit. Hi sunt extra prouinciam trans Rhodanum primi. (CAESAR, 2006: 14 e 16)

[I,10] Expõe-se a César que os Helvécios tencionavam fazer caminho pelo campo dos Séquanos e dos Éduos, para os limites dos Santões, que não distam muito dos limites dos Tolosates, cidade que está na província. Se isso acontecesse, entendia haver de ser com grande perigo para a província que teria homens bellicosos, inimigos do povo

romano, vizinhos a locais vastos principalmente em cereais. Por esses motivos, coloca à frente da fortificação que fizera o lugar-tenente T. Labieno; ele próprio marcha para a Itália rapidamente e ali alista duas legiões, retira dos quartéis de inverno três, que nos arredores de Aquileia invernavam, e para a Gália Ulterior, por onde o caminho pelos Alpes era mais curto, com estas cinco legiões, dirige-se. Ali, os Ceutrões, os Graios, os Ocelos e os Canturiges, ocupados os lugares mais altos, tentam impedir o exército no caminho. Repelidos estes em muitos combates, de Ocelo, que é a extrema cidade da província citerior, aos limites dos Vocôncios, que é a extrema cidade da província ulterior, vai em sete dias; dali conduz o exército para os limites dos Alógrobo; dos Alógrobo, para os Segusíavos. Estes são os primeiros fora da província, além do Ródano.

As linhas acima apresentam elementos bastante caros ao público romano, a saber: a demonstração de preocupação com a segurança da República e a referência aos diversos povos existentes na região da Gália, os quais, devido à imensa diversidade, tornavam a plena dominação daquela localidade pelos romanos um antigo e constante problema. Além disso, mais uma vez, há um apelo à manifestação de profundo conhecimento da geografia do lugar, o que reveste a narrativa de um conteúdo de relevância para os seus contemporâneos como também para a posteridade e abastece o enredo com recursos voltados para o deleite. Igualmente, não se deve perder de vista que os capítulos inaugurais do texto cesariano preocupam-se em legitimar as batalhas nas quais os exércitos romanos se encontram envolvidos. Dessa forma, é suficientemente natural que se espere uma busca pela imprescindibilidade da guerra gaulesa, seja por meio de um argumento acerca da seguridade republicana, seja por meio de uma resposta a um ataque leviano por parte do inimigo. Independentemente da estratégia de construção da linha argumentativa, o objetivo maior parece facilmente palpável: incutir no leitor a indubitável capacidade de César para ser o gestor único de Roma. Nesse sentido, não causa espanto a velocidade atribuída a diversos feitos de guerra do exército comandado pelo general. São magistras aparatos de defesa construídos em um tempo escasso, grandes e desafiadoras distâncias percorridas em pouquíssimos dias e muitos combates realizados contra incontáveis povos. A ligeireza com a qual percorre tantos feitos pouco permite ao leitor a reflexão cuidadosa sobre eles. A rapidez, então, que contamina a narrativa parece ter como propósito também suscitar a impressão de uma incrível habilidade e uma inabalável eficácia para a resolução de problemas.

3.3. Grande ofensa a Roma

[III,9] Veneti reliquaeque item ciuitates cognito Caesaris aduentu, simul quod quantum in se facinus admisissent intellegebant, legatos, quod nomen ad omnes nationes sanctum iniuolatumque semper fuisset, retentos ab se et in uincla coniectos, pro magnitudine periculi bellum parare et maxime ea quae ad usum nauium pertinent prouidere instituunt, hoc maiore spe, quod multum natura loci confidebant. (CAESAR, 2006: 148 e 150)

[III,9] Os Vênéticos e, do mesmo modo, as demais cidades, conhecida a chegada de César, ao mesmo tempo, porque entendiam quão grande crime tinham cometido contra ele, retendo consigo e lançando às cadeias embaixadores, nome que para todas as nações sempre fora santo e inviolável, resolvem preparar a guerra segundo a grandeza do perigo e providenciar principalmente as coisas que se referem ao uso de navios, com maior esperança, porque confiavam muito na natureza do lugar.

A violação da honra romana com o tratamento dado aos seus embaixadores é apresentada como razão para uma resposta severa aos inimigos, dado tamanho ultraje sofrido. Os cuidados dos adversários na preparação da batalha e os seus profundos conhecimentos sobre a natureza local reforçam as dificuldades enfrentadas pelos romanos, mas tornam imperioso, do mesmo modo, uma ação exemplar à ofensa cometida, conforme demonstra a cena abaixo.

[III,10] Erant estas difficultates belli gerendi quas supra ostendimus, sed multa Caesarem tamen ad id bellum incitabant: iniuriae retentorum equitum Romanorum, rebellio facta post deditionem, defectio datis obsidibus, tot ciuitatum coniuratio, in primis, ne hac parte neglecta reliquae nationes sibi idem licere arbitrarentur. Itaque cum intellegeret omnes fere Gallos nouis rebus studere et ad bellum mobiliter celeriterque excitari, omnes autem homines natura libertati studere et condicionem seruitutis odisse, priusquam plures ciuitates conspirarent, partiendum sibi ac latius distribuendum exercitum putauit. (CAESAR, 2006: 150 e 152)

[III,10] Eram estas as dificuldades de fazer a guerra que apresentamos acima, mas muitas coisas incitavam César, todavia, a essa guerra: as ofensas aos cavaleiros romanos presos, a rebelião feita após a rendição, a deserção, depois de dados os reféns, a conspiração de tantas cidades e, principalmente, negligenciada esta parte, que os povos restantes julgassem lhes ser lícito fazer o mesmo. Por isso, porque compreendia que quase todos os gauleses desejavam um novo estado de coisas e eram excitados viva e rapidamente para a guerra, todos os homens, por outro lado, desejavam a liberdade por natureza e odiavam a condição de escravidão, julgou que deveria dividir para si e distribuir mais vastamente o exército, antes que muitas cidades conspirassem.

Estão apontados os fundamentos para um tratamento mais áspero às cidades conspiradoras, sendo a violação dos direitos dos cavaleiros e embaixadores romanos o principal. A preocupação em desbaratar e desestimular possíveis conjurações também sobressai no capítulo em questão e está em consonância com o dever de zelar pelo bem-estar da República. Há, portanto, uma ação que resgata a medida a ser dada à *pietas*, dileto valor romano outrora apontado em nossas análises. Da mesma forma, são feitas considerações sobre a flexibilidade do caráter dos gauleses, apresentados como homens de

pouca austeridade e, por esse motivo, de ânimo imprevisível. Os juízos de valor que imbuíam estereótipos aos mais diversos povos contra os quais lutou atuam como importante instrumento de adesão ao ideal civilizatório manifestado por César em sua obra e contribuem para a construção de um quadro degradante e pitoresco a ser incutido na mente de seus leitores. Assim, percebe-se que a narrativa é constituída por um recorrente processo cíclico de ludíbrio de seu receptor, pois que apela para emblemáticos valores romanos, para uma admirável ideologia civilizadora e para o alçamento de seu autor para o posto de líder inconfundível e extremamente capacitado para o cumprimento do destino de Roma. Por isso, não tende a parecer temerária, ao se considerar os propósitos de César, a aparente impiedade destinada aos inimigos em certos episódios que compõem o conjunto de fatos da duradoura guerra gaulesa. O próximo extrato ilustra isso.

[III, 16] Itaque se suaque omnia Caesari dederunt. In quos eo grauius Caesar uindicandum statuit, quo diligentius in reliquum tempus a barbaris ius legatorum conseruaretur. Itaque omni senatu necato reliquos sub corona uendidit. (CAESAR, 2006: 160)

[III,16] Por isso, entregaram-se a César, assim como todas as suas coisas. César resolveu puni-los mais severamente, a fim de que o direito dos embaixadores fosse mais diligentemente conservado pelos bárbaros durante o tempo restante. Portanto, morto todo o senado, vendeu os restantes como escravos.

Está claramente descortinada a severidade com que foram tratados os inimigos, em virtude do atentado aos direitos dos embaixadores. Conforme sinalizam as próprias palavras do general, o objetivo é garantir um diligente respeito a uma figura que sempre foi considerada inviolável junto a todas as nações. Não é involuntário, por isso, o uso pejorativo do termo “bárbaros”, alinhado ao atraso moral experimentado por tais povos. Com isso, não é desmedida também a pena capital imposta a todo o senado e a subjugação à condição de escravos atribuída a todos os restantes. Parece que, nesse caso, a meta é instituir um exemplo de austeridade a ser seguido e validar a atuação romana na guerra, a qual esporadicamente fora questionada por eminentes concidadãos opositores de César.

4. Considerações finais

As reflexões trazidas por este artigo buscaram indicar o viés cultural, permeado em alguns momentos por traços históricos, que abastece o projeto político de César.

A incorporação de um discurso pautado no respeito a fatos históricos relevantes e na veneração a valores notoriamente simbólicos integra a tentativa de provar que o seu difusor é o cidadão mais apto a conduzir Roma ao absoluto império do mundo antigo. O investimento em seu potencial missionário, com a inserção de dados chocantes da cultura dos diversos povos daquela região, é também um recurso útil para favorecer a consecução dos objetivos referidos. Por consequência, César brinda seus conterrâneos com as incríveis vitórias conquistadas e com uma brilhante narrativa para eternizá-las.

Assim sendo, as suas composições ajudaram a posteridade a dimensionar a grandeza do ícone em que o excepcional comandante se transformou. Do mesmo modo, permitiram que, independente dos desdobramentos do pós-guerra, fosse plantada na mente das pessoas uma pretensa única verdade: a de que César foi um cidadão profundamente comprometido com aquilo que se julgava dever ser a verdadeira essência do homem romano.

5. Referências bibliográficas

- BLATT, Franz. *Précis de syntaxe latine*. Versão francesa de Henri Barbier e Kristiana Olsen. Paris: IAC, 1952.
- CAESAR, C. Julius, *Commentarii de Bello Gallico*. 6. éd. rev. corr. Ed. Henri Goelzer. Paris: Garnier, 1906.
- CAESAR, C. Julius, *Caesar – The Gallic War*. Londres: Harvard University Press – Loeb Classical Library, 2006.
- CANFORA, Luciano. *Júlio César – O ditador democrático*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- _____. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Rio de Janeiro: Fename, 1982.
- FIRMINO, Nicolau. *Comentários de César sobre a Guerra Gaulesa*. Lisboa: Livraria Avelar Machado, 1940.
- FRIEDLAENDER, L. apud Roces, W. *La Sociedad Romana*. México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1947.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.
- KENNEY, E.J., & Clausen, W.V. *Historia de La Literatura Clásica*. Madri: Gredos, 1990.
- MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. Paris: Belles Lettres, 1946.
- MARTIN, R. & GAILLARD, J. *Les Genres Littéraires à Rome*. Paris: Éditions Nathan, 1990.
- MENDES, Norma M. *Roma Republicana*. São Paulo: Ática, 1988.
- MENDONÇA, Antonio da Silveira. *Caio Júlio César, Bellum Ciuile – A Guerra Civil*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1999.
- MENDONÇA, Antonio da Silveira et alii. *Vidas de César*. Trad. de Antonio da Silveira Mendonça e Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação da Liberdade, 2007.
- NOVAK, Maria da Glória et alii (org.) *Historiadores Latinos*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. de Manuel Rosa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1985.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. 3.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002. v. 1 e 2.

PIGANIOL, André. *Histoire de Rome*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1977

PLUTARCO. *Vida de Júlio César*. Rio de Janeiro: Editora Saraiva, 1966.

RAMBAUD, Michel. *L'art de la déformation historique dans les Commentaires de César*, Paris: Les Belles Letters, Première édition, 1952.

SUETÔNIO, Caius. *De vita Caesarum*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-português**. Porto: Gráficos Reunidos Lda., 7ed., [s.d.]